

• Ninguém consegue controlar a Internet

Do estranho, veloz, excessivo e confuso mundo da Internet já fazem parte alguns portugueses.

Frequentam a American Online, obtêm mil e uma informações, enviam E-Mail, encomendam livros de editoras obscuras, travam conhecimento virtual com paquistaneses e nigerianos e possivelmente até dão uma espreitadinha à inúmera pornografia que roda na rede. Ainda não produzem informação, mas para lá caminham.

Em Portugal, há apenas duas entidades que dão acesso à Internet: a Fundação para o Desenvolvimento dos Meios Nacionais de Cálculo Científico (FDMNCC) e o Grupo Português de Utilizadores de Sistemas Unix (GPUSU). A Telepac prepara-se para proporcionar o mesmo serviço.

A Fundação, criada e financiada pelas universidades públicas portuguesas, tem, segundo afirma João Nuno Ferreira, «uma rede académica, a RCCN, vocacionada para as universidades, mas à qual podem ter acesso organismos de investigação científica e empresas. Por outro lado, qualquer indivíduo pode ligar-se a nós».

A Fundação disponibiliza dois níveis de acesso, nacional e internacional, e utiliza vários protocolos – como o TCP/IP ou o TECNET – que permitem o acesso à informação desejada.

De Portugal já se chega à Internet

Dois organismos privados possibilitam que qualquer português tenha acesso a toda a informação da Internet. Por cinco contos mensais. É a entrada no infundável mundo novo. Apesar disso, Portugal não ultrapassa as duas dezenas de frequentadores.

Um protocolo, como explica João Nuno Ferreira, não é mais do que «um conjunto de regras, aplicado em programa de «software» que permitem a comunicação entre computadores. Emissor e receptor têm que obedecer a estas regras para comunicar entre si».

Aprender a navegar

A Fundação não tem orientações de «navegação» para os seus utilizadores. Diz Nuno Ferreira que «pedem-nos uma «porta» com determinada capacidade e fim, e nós facultamos. Cabe ao utilizador gerir os seus interesses, conforme quiser». Por outro lado, Nuno Ferreira admite que «ainda não há muitos fornecedores de serviços (informação) em Portugal, mas, por exemplo, a

Universidade do Minho já fornece informação temática».

Quanto a tarifários, a Fundação está neste momento em processo de reavaliação dos preços que pratica, mas actualmente cobra à volta de 1600 contos anuais para a rede nacional, e 2800 contos para a rede internacional.

Com o GPUSU, o acesso funciona de outra maneira. O Grupo está mais virado para os indivíduos, que, após o pagamento de 5 mil escudos mensais, têm acesso a dez horas mensais de acesso à Internet. O GPU entrega também a cada assinante um nome e um código, para que este possa também ser destinatário de mensagens e informação. O Grupo tem neste momento 70 assinantes individuais e cerca de 52 empresas.

Para além dos mesmos protocolos que a Fundação, o GPU ainda proporciona a utilização da EUNET, a rede europeia da Internet, a WW que permite conversações em tempo real, a Archie (arquivo de informação) e a PPP.

Artur Romão, do GPUSU, explica que «todos os utilizadores têm direito a um livrinho, que é uma espécie de manual de navegação na Internet, e têm o nosso apoio permanente na pesquisa para chegarem àquilo que lhes interessa. No entanto, aqui como em quase tudo na vida, é a experiência que a pessoa vai adquirindo e as suas explorações, que permitem retirar todo o potencial da Internet».

O facto de estas duas entidades aparecerem como «fornecedores» da Internet tem uma expli-

cação. Artur Romão explica que «uma pessoa tem que se ligar a algum lado para entrar na rede. Tem que ter uma porta de entrada. Ora, há organismos, como o nosso, que já estão ligados a outros, e que deste modo podem estabelecer o acesso à internet».

De qualquer modo, o Instituto de Comunicações de Portugal (ICP) tem que autorizar que estas estruturas possam operar nesta área e por outro lado, qualquer indivíduo pode ligar-se individualmente, desde que alugue uma linha a um organismo com capacidades técnicas para isso. Em Portugal, só a Telepac está habilitada a fazê-lo. O problema é que sai mais caro.

EUA por detrás de tudo

Mas afinal o que é a Internet, um imenso depósito de informação acessível para quem tenha um computador, uma linha de telefone e um modem?

A «rede», como lhe chamam os frequentadores mais fanáticos, é a maior cadeia computacional do mundo, com mais de 25 milhões de utilizadores. Nasceu há 25 anos, e foi criada pelo ministério da Defesa dos EUA, que pretendia ter uma rede para, em caso de ataque nuclear, cientistas e académicos pudessem continuar a trabalhar, estando ligados entre si. É uma cadeia de múltiplas redes, que começou com os serviços comerciais de comunicação por computadores – como a Comuserve, a American Online – mas passou rapida-

Zoológico no Luna Park de Abecasis

Krus Abecasis quis um Luna Park e a CML chegou a investir mais de 300 mil contos num projecto que acabou suspenso em 1983. Onze anos depois, o Zoo acaba por dar um desfecho feliz a esta história, conquistando mais dez hectares para o parque.

mente a disponibilizar informação de milhares de universidades, Governos, empresas e indivíduos. A Internet serve vários objectivos: Oferece toneladas de informação – sobre os assuntos mais inimagináveis – permite a conversação, a encomenda de produtos e o famoso E-Mail (correio electrónico). Este último à primeira vista parece comum, mas é uma das maiores inovações que a rede permite. É que a correspondência circula muito mais rapidamente (segundos em vez de dias) e as mensagens são muito mais directas e informais.

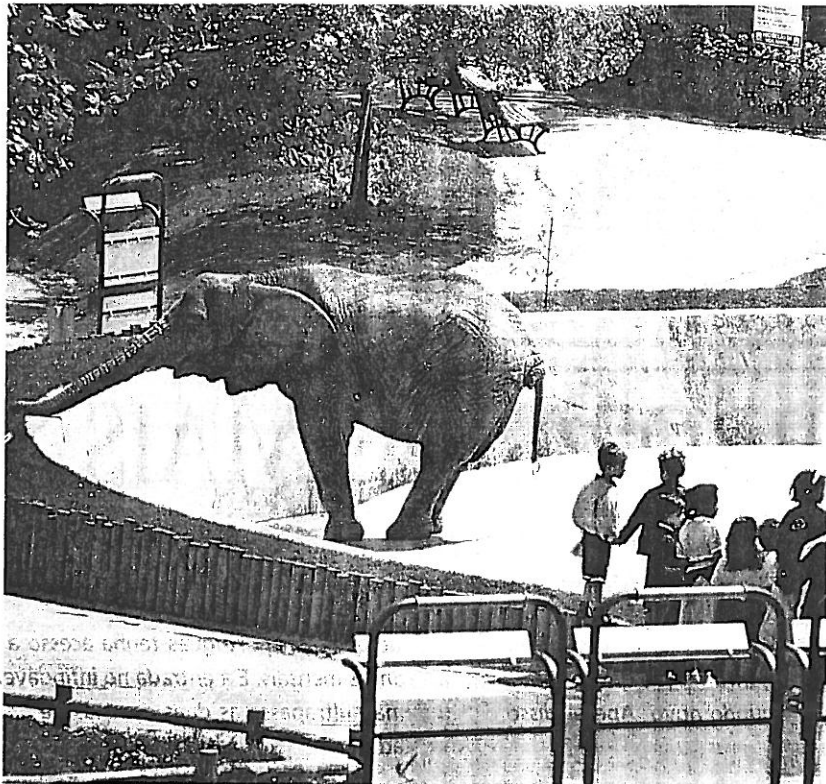
Nos países onde a Internet já se tornou uma ferramenta do quotidiano – como os EUA – os utilizadores têm entrado em autênticas guerras devido aos problemas éticos e morais que a rede levanta. O último grande escândalo foi o anúncio feito por um casal de advogados do Arizona, Canter e Siegel, que enviaram um anúncio onde disponibilizavam os seus serviços para quem estivesse interessado em obter um «visa» de residência em território americano. Milhares de frequentadores em todo o mundo enviaram mensagens para o endereço electrónico da firma, desancando-os pelo uso comercial que faziam da rede. Um utilizador norueguês, como notícia a «Time», chegou a criar um programa que destruía todas as mensagens que o casal lançava na rede. Mas o problema é que não há nenhuma autoridade que controle a informação lançada na rede, ou que estabeleça regras de utilização e emissão. A rede é um monstro alimentada por todos aqueles que a utilizam. Aliás, as únicas regras, não oficiais, existentes são: O acesso aos computadores deve ser livre e ilimitado; toda a informação deve ser livre, desrespeite-se a autoridade e promova-se a descentralização.

Não admira pois que a «grande guerra» na rede, neste momento, seja contra a pornografia e o aproveitamento comercial da Internet. Quanto à primeira, a rede está completamente inundada de imagens e mensagens de conteúdo X. Mas não há nada a fazer, dado que é impossível bloquear ou eliminar informação. Alguns utilizadores, no entanto, têm-se associado em comunidade na rede, criando uma «pass-word» sem a qual ninguém entra no seu canto de informação.

Mas, apesar de tudo, como diz Artur Rômão, «a grande inovação da Internet é que possibilita rapidamente informação a quem de outro modo nunca teria acesso a ela».

JV

GPUSU – telef – 2942844
FDMNCC – telef – 8481906



• Os elefantes são os primeiros inquilinos já destinados para o espaço do antigo Luna Park

Em 1981, o então presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Krus Abecasis, deu luz verde para o início da construção de um parque de diversões, aquele que seria o futuro Luna Park de Lisboa. Um terreno com cerca de dez hectares, anexo ao Jardim Zoológico e que dá para a Estrada das Laranjeiras, foi então destinado à iniciativa e as primeiras obras arrancaram logo nesse ano, tendo sido constituída uma sociedade para avançar com o projecto.

A sociedade Luna Park surgiu assim com três accionistas, a Exportrade, a Câmara Municipal de Lisboa e o Jardim Zoológico, que detinham respectivamente 70, 20 e 10 por cento do

capital, e logo em 1982 a CML investiu mais de 300 mil contos na primeira fase das obras. Só que, um ano depois, embora ainda com Abecasis à frente do município, a coligação PS/PCP, que detinha a maioria da verbação mandou suspender o projecto para avaliação.

A partir daqui, o projecto morreu e hoje os responsáveis pelo Jardim Zoológico conseguiram um final feliz para toda esta história. Aproveitando as infra-estruturas já existentes, o Zoo vai expandir o seu parque para aquele terreno estando já destinada, entre outras coisas, a nova casa dos elefantes, uma área que vai absorver cerca de dois hectares e instalada precisamente num suporte construído para uma roda gigante.

Krus Abecasis continua a defender que «se no seu segundo mandato tivesse maioria absoluta, o projecto do Luna Park teria ido até ao fim». Vontades que em nada ajudaram porque, nessa altura, já a administração do Jardim estava mais interessada no aproveitamento do terreno, em termos zoológicos, do que na construção do parque de diversões.

No meio deste processo, o Jardim Zoológico e a Câmara de Lisboa acabaram por ficar como os dois únicos accionistas da sociedade Luna Park, cada um com 50 por cento do capital, sociedade que acabou por ser definitivamente dissolvida em 1992, ficando o Jardim Zoológico com o encargo de pagar os serviços de terraplanagem e

construção de algumas infra-estruturas até então realizadas pela câmara, mas simultaneamente com as portas abertas para concretizar o seu plano de expansão, cujo arranque está previsto para 1998, altura em que estará completa a remodelação da área de que actualmente dispõe.

O melhor Zoo da Europa

O Jardim Zoológico de Lisboa quer ser, no final do século, um dos melhores jardins da Europa. De acordo com o responsável pelas relações públicas, Rui Pinto Coelho, «ultrapassadas as dificuldades financeiras da década passada, o jardim encontra-se hoje numa fase de grande remodelação e até 1998 prevê-se uma melhoria substancial das instalações dos animais, a inauguração de um novo espaço destinado unicamente aos primatas – a Gorilândia – bem como a construção de um novo espaço para os golfinhos». Tudo isto, ainda segundo Pinto Coelho, «para dar uma nova expressão ao Zoo, uma expressão mais pedagógica, mais atractiva e mais viável do ponto de vista financeiro».

Se o caso da Gorilândia procura fundamentalmente ser uma resposta eficaz para superar as graves condições de carência de instalações adequadas para os primatas com que o Jardim se debate, já o projecto dos golfinhos entronca mais na ideia do que os seus responsáveis pretendem para este parque, no futuro.

A nova zona, com um investimento estimado de 400 mil contos, será conhecida como a «Baía dos Golfinhos» e entrará em funcionamento já no próximo ano, altura em que os golfinhos de Miami irão embora. Será constituída por uma piscina com 36 metros de diâmetro, com capacidade para 1800 espectadores, e pretende vir a dar continuidade aos espectáculos até agora assegurados pelos golfinhos americanos.

Mas para o Jardim Zoológico existem ainda outros aspectos importantes a salvaguardar. É o caso da manutenção do bingo e do restaurante, cujas receitas constituem importante fonte de financiamento, bem como a aposta em grandes patrocinadores, entre os quais se incluem já a Coca-Cola, a Kodak, a Danone e também a Expo 98.

Para Rui Pinto Coelho, «a aposta está quase ganha e a partir de 1998, com a área actual do Jardim totalmente remodelada e com o alargamento para o terreno em tempos destinado ao Luna Park, Lisboa ficará com um dos melhores, senão o melhor jardim zoológico da Europa».

JC/IMC